

A JORNADA DE UM ÍNDIGO

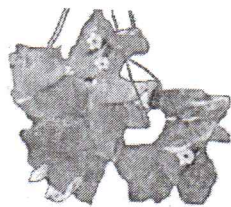


*Quem se emborça.
Se que fica?*

Cecilia Tannuri
Carina Tannuri

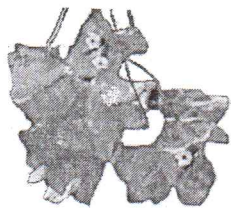
LIVRO
DVD 2007





Cecilia Samuiri

video:



Carina Samuiri

poz:

*koa
daa
e de
ndo
de*

*do
de,*

*oo
nu*

*a
m*

*a
e
a*

Agradecimentos

Com muita emoção agradeço a este Sndigo os seus relatos a respeito de sua trajetória de vida até hoje.

Sei das suas lutas diárias para cumprir sua missão; sei que é um verdadeiro guerreiro.

Quando falamos do Universo não sabemos realmente ou exatamente o que é ...

Este Universo Infinito do qual também falamos, na verdade, não sabemos quão infinito é...

Mas quando temos relatos verdadeiros das emoções, das verdades, de conflitos, de medos e de transformações fico me perguntando se um dia realmente vamos saber de

fato o que vem a ser o Universo.

Quão "infinito" são os nossos questionamentos, a nossa falta de amor e as nossas desconfianças...

Quando temos conosco a bênção de, uma "energia especial: a energia Índigo que nos presenteia todos os dias, a toda hora, a todos os momentos...

É a mágica do Universo permitindo que estas energias permeiem nossas vidas, unam nossos destinos, entrelacem nossos caminhos, nos ensinando que só no amor vamos conseguir que um pouco "dele tão infinito e distante" Universo chegue mais perto de nós.

Assim, se estivermos alertas, atentos "e abertos, com certeza iremos alcançar as estrelas e locá-las; permitiremos que o sol

irradie seus raios dourados sobre nós. É o luar, com seu brilho e mistério, nos aconchegará ao seu redor.

As emoções que tenho agora em relação a tudo que sinto nesse momento são indescritíveis e inenunciáveis.

Minha sensação é a de que quero muito alcançar as estrelas, o sol e a lua.

Que a energia Índigo consiga chegar até nós... Que o Universo possa "ver" o mais infinito do infinito... É que nos traga esse amor verdadeiro que os Índigos dedicam ao nosso Planeta, às nossas casas e a nós mesmos.

Obrigado pela aprendizagem e pela oportunidade que estou tendo.
Cecília Tannuri

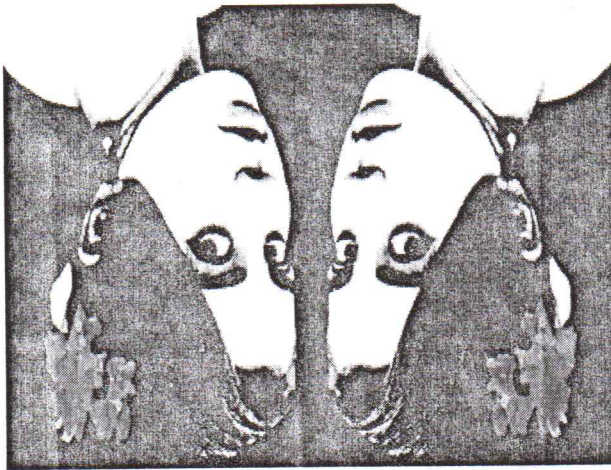


Juntas nós
temos uma
longa
trajetória de
ensinamento
e
aprendizado,
no papel de
mãe e filha;
e de amigas.



Minha mãe passa cada sufoco por minha
causa, se estressa comigo, às vezes grita,
me repreende. Mas também, me orienta,
me aconselha e me aceita do jeito que sou!
Não estaria onde estou se não fosse por
ela!

Carina

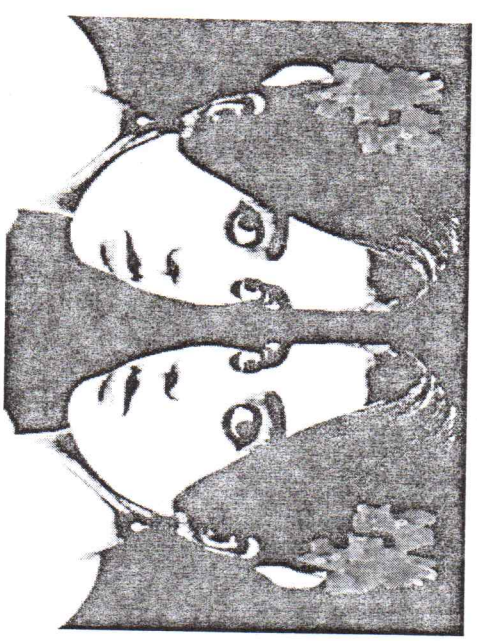


Sumário

pág.

Introdução.....	19
1. Quero ir embora. Por que fico?	23
2. Externamente quero colo.....	45
3. Resolvidas ou Revolvidas?	59
4. Escala. Por que tanto confusão?	73

	pág.
5. Não temos religião. Somos religiosos.....	85
6. Transformação e Mudança são a essência dos Índios..	99
7. Dos 17 aos 25 anos.....	115
7.1. Satisfação versus regras	135
8. Mensagem aos pais.....	141
9. Outras mensagens.....	169
10. Conclusão.....	175
Sobre as autoras.....	185



Introdução

Neste trabalho que reúne um vídeo e um livro intitulados — "A Jornada de um Índigo. Quero ir embora. Por que fico — ramosa falar um pouco de cada título desenvolvido por este Índigo segundo sua experiência de vida até os dias de hoje.

É claro que tudo escrito por ela segue fielmente a vida dela.

Quando mudamos de pessoas (Índigos ou não) a vida também pode ser outra. "Por isso, como seres individuais, cada um com capacidade própria de aproveitar o melhor de cada ponto abordado. O vídeo mostra como também a vida de uma mãe e terapeuta que

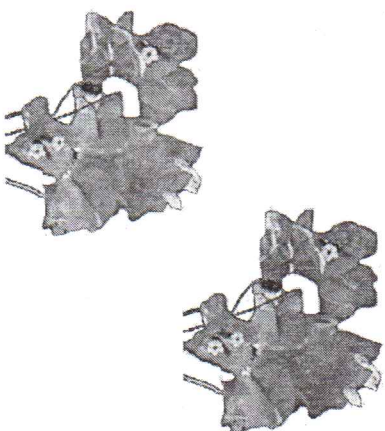
escolheu, em sua trajetória, especializar-se e se dedicar à orientação de Índios.

Esproveitem ou guardem as mensagens que lhes couberem ou que fizerem ressonância em seus corações.

Reflitam a respeito de cada tema e, sobretudo, construam sua própria trajetória também.

A coisa mais importante que nós podemos fazer para melhorar nossas vidas é melhorar a vida de outras pessoas.

Cecilia Januiri.



*Quero ir embora.
Por que fico?*



Quero ir embora.
Por que fico?

Todos nós temos esse sentimento de que não pertencemos a esse planeta. Desde criança sinto-me diferente da maioria dos meus colegas; diferente dos meus pais e irmãos.

Sempre vi e interpretei situações de modo diferente de todos ao meu redor e demorei muito para entender que meu jeito de pensar e agir era visto como algo diferente, muitas vezes estranho.

Meus pais me contam que eu, literalmente, chorei por dois anos inuteis quando nasci.

Depois disso, fiquei muito doente, com algo que os médicos, até hoje, explicam ser uma doença somatizada.

Fui uma criança chata. Discutia com todos a respeito de tudo e não tinha o menor conhecimento de normas sociais.

Era muito franca e direta. Toda vez, antes de sairmos para ir à casa de amigos dos meus pais, restaurantes, etc., minha mãe sempre fazia o mesmo discurso.

Ela aprendeu, no decorrer dos anos, que o discurso tinha que ser também direto e franco. Eu era (e sou) péssima para entender conceitos. Preciso de exemplos e de explicações. Não adiantava falar: "filhinha comporte-se". Tinha que ser dito: "filha, não fale para a dona da casa que a comida está horrível, pois é

falta de educação; e, se você falar, vai ficar de castigo quando voltar". Minha resposta era sempre: "Então, acho melhor ela não perguntar".

Crianças comuns paravam com a ameaça do castigo. Indigos não são assim.

Todo aprendizado, em certas coisas, demora mais. Somos muito honestos e sem o conceito de normas. Assim, quando crianças, isso é visto como mal educado. Por esse e outros motivos, minhas fraquezas prediletas são e sempre serão, frases como: "Eu quero ir pra lua." e "O que eu estou fazendo neste lugar, ninguém me entende!"

Das 9 aos 17 anos, além de estudar, tinha aulas de balé, sapateado, flamenco, natação, etc., em busca de algo que me desse uma

"sensação de pertencer", de "fazer parte de algo importante".

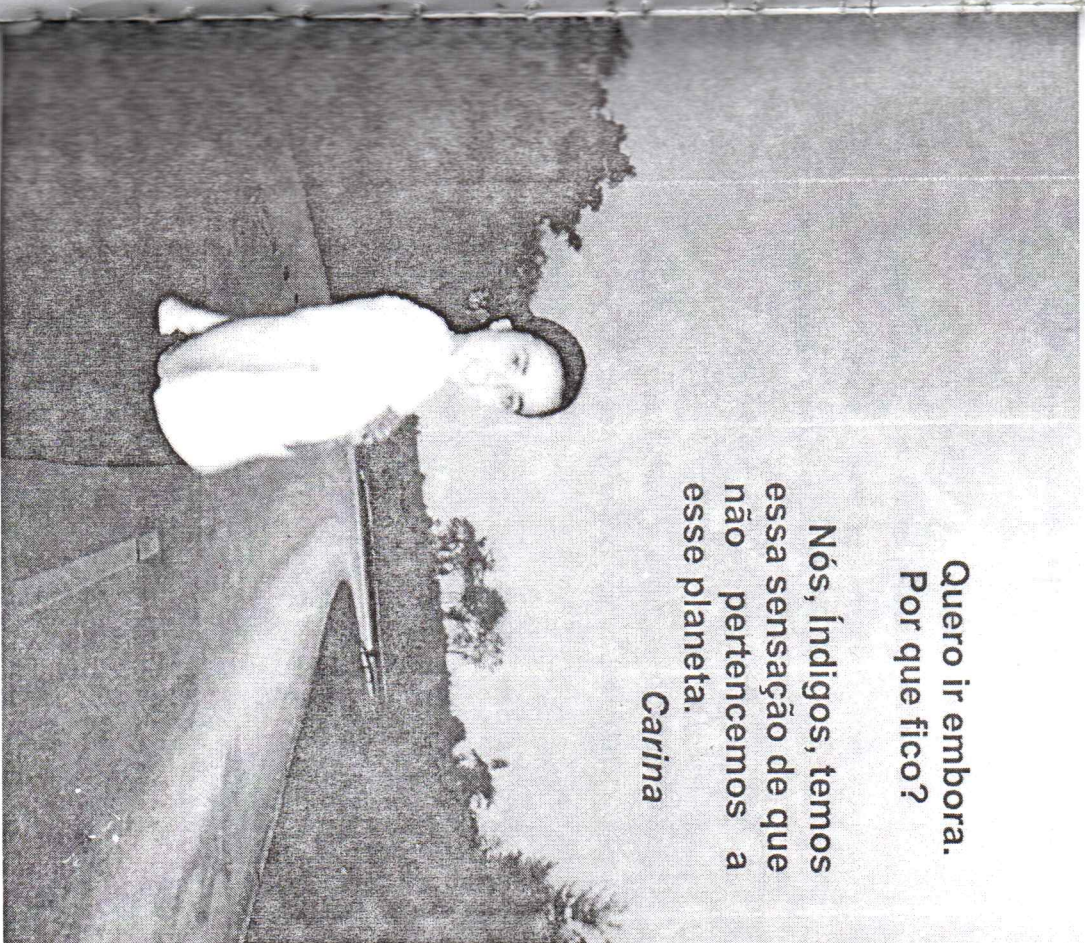
Nada funcionou.

Eu tive pequenos momentos de satisfação durante esses anos.

Foram coisas pequenas como: ganhar uma discussão com os meus pais, depois de muitas horas tentando fazê-los entender meu ponto de vista; ou ganhar uma competição de dança; ou tirar nota dez em uma prova de matemática (que sempre odiei).

Estas coisas muito temporárias, pois logo "voltava ao sentimento original de não pertencer".

Nessa época eu era vista por todos que comigo, conviviam, como: "cabeça dura", insistente, persistente, "inadivelsa" e muitas vezes como grossa e mal educada.



Quero ir embora.
Por que fico?

Nós, Índigos, temos
essa sensação de que
não pertencemos a
esse planeta.

Carina

ludo.
Durante essa época tenhei de

Dive faaes com muitos namorados, outras com nenhum. Faes onde comia muito, outras onde não comia nada.

Muitos períodos de infelicidade e tristeza; e também muitos períodos com momentos maravilhosos cheios de lembranças inesquecíveis.

Nunca usei drogas; mais por medo dos meus pais, do que por falta de vontade.

Forém, dos 15 aos 17 anos bebia muito em festas e nos finais de semana, etc.

Qudo iaoo com a esperança de esquecer ou macassar esse sentimento horrível de: — eu não quero estar aqui, mas ao mesmo tempo, não posso ir embora .

Meus pais foram pessoas de fundamental importância na minha vida, principalmente na adolescência; embora eles não me entendessem. Sempre fui muito comparada à minha irmã que era o exemplo de boa educação e respeito; pois "não", confrontava ninguém e dizia sim para tudo.

Meus pais me falavam que eu viaa inatifeita e que estavam cansados de me dar tudo o que eu queria e nada melhorava.

O pesar de muitas comparações injustas e muitos momentos de frustração por parte dos meus pais, eles também reconheciam minhas qualidades.

A paciência deles durante minha adolescência foi inexplicável. Minha mãe era minha meliorista particular: me levava e me buscava.

Dois dias aos ensaios, juntava dinheiro para comprar fantasias.acho que ninguém da família nunca perdeu um festival de fim de ano.

A expectativa de comportamento para mim, apesar de ser considerada a "rebeldia da família", nunca foi mais baixa do que da minha irmã. Muito pelo contrário, com frequência, as regras eram mais rígidas para mim e eu ficava revoltada.

Hoje eu entendo. Foi um trabalho maravilhoso que os dois fizeram comigo. Com uma ciência Indigo é muito mais fácil concordar e deixá-la fazer o que quer. Mas, meus pais não fizeram isso comigo. Eu tinha regras, horário para chegar em casa; expectativas de notas e se eu faltasse em uma aula ficava de castigo.

Tudo isso é importante para qualquer adolescente, mas é essencial para os Índigos.

Não somos um muito evoluídos e preparados para nossa missão; porém, nossa falta de bom senso, nosso radicalismo, nossa inteligência coloca o adolescente Índigo em um estado vulnerável e até perigoso.

Aprear de toda nossa espiritualidade estamos na terra como seres humanos comuns, sujeitos a erros.

Escolhemos nossos pais para nos supervisionar nessa missão, com a expectativa deles nos guiar, nos ensinar como viver como seres humanos na terra.

Portanto, Índigo ou não, adolescentes são adolescentes e regras têm que existir; castigos para

o não cumprimento das mesmas têm que ser aplicados.

Deho que a minha geração de Índigos foi a que mais sofreu.

Não tínhamos resposta alguma.

Não todos passaram pelas anos mais difíceis de nossas vidas: — a adolescência —, sem entender o porquê de nossas personalidades.

Sem entender o porquê de nossas opiniões estranhas; ou sem entender o porquê do pensamento de não pertencermos ao lugar onde vivemos e de querermos ir embora, mesmo sabendo que não podemos ir.

É uma sensação tão inexplicável que só nós, os Índigos, sabemos verdadeiramente o que é sentir isso todos os dias.

Aos 17 anos, depois de estudar muito para o vestibular e com a ideia fixa por 3 anos que iria prestar Medicina, decidi na última hora (literalmente, no dia do vestibular da UNICAMP), que não mais queria prestar para esta área.

Decidi que queria me mudar para os Estados Unidos e fazer Psicologia Criminal.

Dia 26 de dezembro falei com meu pai. Acho que, no choque, eles disseram sim.

Dia 3 de janeiro prestei vestibular para uma Universidade no Kentucky.

Dia 8 recebi o resultado e no dia 14 de janeiro entrei no avião e me mudei.

Achei que, com a mudança, escola nova, amigos novos, finalmente eu encontraria resposta

"para todos os meus problemas".
Mas não aconteceu. Fiquei ainda mais estressada e perdida.

Mais do que nunca, si o quanto eu era diferente! Tudo e todos começaram a me irritar ainda mais.

Dos 17 aos 25 anos me mudei 17 vezes, me casei, me divorciei e mudei de curso várias vezes. Para o mundo e, principalmente, para minha família eu era o retrato perfeito da instabilidade, inadaptação e rebeldia.

Minha resposta e o descoberta da minha missão não chegaram até mais ou menos 21/22 anos.

Nesta época, tudo ficou mais claro. Meus professores e mentores na Universidade começaram a reconhecer meu potencial.

Minhas características que, durante muitos anos foram vistas como negativas, passaram a ser minhas melhores qualidades.

"De repente, ser a "cabeça dura", chata e persistente passou a ser a razão que pessoas tinham para me contratar, para me oferecerem promoções. Foi com essas qualidades que eu fui a primeira pessoa na minha Universidade a me formar em dois cursos superiores em quatro anos. Com essas qualidades passei no meu Mestrado e sou hoje uma das melhores profissionais da minha área.

Eu faço uma grande diferença na vida de muita gente.

Sóto para as coisas melhorarem e me recuso a concordar com coisas erradas. Sou admirada e odiada por isso.

Minha missão é clara, agora. Eu escolhi vir e lutar por pessoas que não podem lutar por si próprias.

Estou aqui para quebrar sistemas inteiros; e não só para mudar leis, mas também, mudar a mentalidade humana sobre o que é certo e o que é errado.

Existe um trabalho constante e diário. Não sou remunerada por muitas coisas que faço. A verdade é que já perdi muito emprego, por ser assim.

É uma missão difícil e solitária. Ainda choro muito e sou muito inatenta e infeliz na maioria do tempo.

A diferença agora é que me sinto assim porque há muita coisa para mudar, muitas regras para serem trocadas e, nesse processo todo, ainda há muitas pessoas sofrendo.